FILOSOFIA E FÉ CRISTÃ EM SANTO AGOSTINHO

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon[*]

RESUMO

A reflexão agostiniana deve, sem dúvida, à tradição filosófica que a precedeu. A partir da filosofia, ele encontrou acesso ao conhecimento de Deus via exercício racional, que o admoestou a olhar para dentro de si, e, enfim, alcançar o conhecimento da existência de realidades imutáveis e transcendentes. Contudo, apesar dos méritos da filosofia, sobretudo do *studium sapientiae* dos platônicos, que, com certeza, deveria ser pensada pelos cristãos, existe, no entanto, uma contradição entre a teoria e a prática manifesta no exercício da *superbia*. A cisão entre a dimensão teórica do platonismo e a vida religiosa precisaria ser superada. Nesse sentido, conforme Santo Agostinho, o cristianismo surge como resposta a este problema. Através da fé cristã torna-se possível associar harmonicamente a boa filosofia com a *vera religio*, de modo a cumprir a exigência filosófica por excelência, a saber: a de amar plenamente o Deus-sabedoria

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia, *superbia*, *vera religio*, fé, Santo Agostinho

INTRODUÇÃO

Santo Agostinho, o grande Doutor ocidental, como é conhecido na tradição cristã, foi o responsável por erigir a primeira grande síntese teológico-filosófica. À luz das correntes do pensamento patrístico grego e latino, ele realizou uma ampla conciliação do dilema fé e razão. A síntese por ele proposta é a forma mais elevada de especulação filosófica e teológica que a antiguidade tardia desenvolveu, e seu "filosofar-na-fé" é, certamente, um predicado indelével da inteligência cristã[1].

---

[*] Mestre em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (bolsista pela CAPES); Especialista em Ciências da Religião e em Educação (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar) e Licenciado em Pedagogia, ambos pela Faculdade de Educação e Tecnologia - Fetremis; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; Bacharelando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH).

[1] Cf. JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, II, 25.

Nesse sentido, a presente comunicação intenciona realizar apenas uma sucinta leitura, de caráter puramente introdutório, das relações entre a filosofia pagã e fé cristã na concepção agostiniana.

2. O *STUDIUM SAPIENTIAE* E A *UERA RELIGIO* EM AGOSTINHO

A biografia de Santo Agostinho registra um intenso embate que coincide essencialmente com os desafios à inteligência filosófica da fé cristã[2]. Nascido e criado sob a orientação cristã por sua mãe Santa Mônica, Agostinho, ainda jovem, deparou-se com o drama das narrativas veterotestamentárias e seu caráter aparentemente bárbaro, em contraste com as fontes literárias da cultura latina. Ainda nesse cenário, o problema do mal o interpelou profundamente, a ponto de direcioná-lo para as explicações do racionalismo maniqueísta. Após se decepcionar com esta alternativa ao problema do mal, Agostinho flertou temporariamente com o ceticismo até o instante em que, em contato com os denominados *libri platonicorum*, e, principalmente, na redescoberta da religião cristã, encontrou refrigério para sua sede da Verdade.

Sob os influxos, então, da religião cristã, Santo Agostinho se entrega ao pensamento dos problemas fundamentais da antiguidade tardia, realizando uma síntese especulativa fundada na noção de Deus como *arx philosophiae*, isto é, o ápice da filosofia. A singularidade de sua síntese, porém, irrompe do drama patrístico que o precedeu. Dessa forma, sua conciliação do dilema fé e razão encontra sentido ao ser assimilada no interior do quadro da exigência racional da antiguidade tardia.

Com efeito, a pergunta pela racionalidade da fé, se dá, também, em relação ao problema do contributo do discurso filosófico para a inteligência cristã. Seria, então, possível encontrar no universo filosófico pagão algum valor para a fé? Quanto aos problemas da filosofia pagã, Agostinho foi enfático. De acordo com ele, os filósofos pagãos não conseguiram resistir à tentação da *supervia*. Santo Agostinho considerou,

[2] Natural de Tagaste, na Numídia, Aurelius Augustinus (354-450 d.C.) foi um proeminente filósofo, teólogo e bispo da cidade de Hipona. A referência aqui a sua vida apenas alude, propedeuticamente, à importância do problema da inteligência filosófica da fé em sua trajetória pessoal. Para uma descrição mais acurada dos eventos que marcaram esta questão, sugerem-se três excepcionais obras: o inigualável clássico do próprio Santo Agostinho, *Confessionum*; o texto *Vida de Santo Agostinho* de Possídio; e a biografia contemporânea de Peter Brown, *Santo Agostinho*. Para isso, cf. Referências.

portanto, que na dissensão da soberba dos filósofos com a humildade[3] dos cristãos, se concretiza o fracasso do conhecimento sem a fé e o êxito da inteligência da fé[4].

Ora, apesar dessa consideração, não há dúvidas de que a reflexão agostiniana é devedora da tradição filosófica que a precedeu[5]. O próprio Agostinho se vale da expressão "platônicos" como sinônimo de uma filosofia sublime[6]. A partir desta filosofia, ele encontrou um acesso ao conhecimento de Deus, via um exercício racional que o admoestou a olhar para dentro de si, e, enfim, alcançar o conhecimento da existência de realidades imutáveis e transcendentes.

No período que se seguiu à sua conversão, Santo Agostinho demonstrou estar fascinado quanto às conquistas da inteligência platônica. Na obra *Contra Academicos libri tres* ele expressa de maneira clara seu otimismo relativo a esta filosofia: "Quanto às coisas cujo estudo exige grande penetração da razão – pois estou em tal condição que desejo impacientemente compreender a verdade não só pela fé, mas também pela inteligência –, confio encontrar por hora entre os platônicos elementos que não contradigam a nossa sagrada doutrina"[7].

No entanto, com o desenvolvimento da reflexão agostiniana, sua postura quanto ao platonismo tornou-se mais crítica e rigorosa. Nas *Retractationum libri duo*

---

[3] O conceito de humildade em Agostinho consiste numa oposição direta à ideia da soberba em suas dimensões. No nível do ser, a humildade é prefigurada pela *kénosis* de Cristo em confronto com a usurpação proveniente da soberba. Na esfera do conhecimento, a dinâmica da humildade é marcada pela autenticidade, pelo conhecimento da verdade concernente a Deus e ao ser humano e pela simplicidade de Cristo. Na esfera do querer, a humildade de Cristo é compreendida como a restauração da ordem da justiça, que rompida foi na queda. (Cf. VARGAS, 2011, p. 198 – 330).

[4] Cf. MADEC, 1971, p. 131.

[5] Du Roy destaca a existência de uma diversidade de fontes na construção do pensamento agostiniano (Cf. DU ROY, 1966, p. 138 – 139). Nesse sentido, Platão, Aristóteles, Plotino, Porfírio, o estoicismo e os pitagóricos contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da reflexão filosófica de Santo Agostinho. Quanto a uma discussão mais específica dessas fontes vide os textos: Endre Von Ivánka: *Plato Christianus. La réception critique du platonisme chez les pères de l'église*; Goulvean Madec: *Le néoplatonisme dans la conversion d'Augustin*; Charles Boyer: *Christianisme et néo-platonisme dans la formation de saint Augustin*; Robert. Trundle: *Modalidades aristotélicas de san Agustín*; Maurice Testard: *Saint Augustin et Cicéron I, Cicéron dans la formation et dans l'Oeuvre de saint Augustin*; Karl Barwick: *Elementos estoicos en san Agustín*.

[6] À sombra dessa terminologia, ele inclui os filósofos espiritualistas pertencentes à tradição antiga (Cf. MANDOUZE, 1968, p. 485). Nessa perspectiva, Madec enfatiza que a referência agostiniana ao platonismo não é um equivalente *pari passu* ao sistema filosófico que os historiadores contemporâneos atribuem a Platão. A referência aos *libri platonicorum* como uma filosofia perfeita alude, acima de tudo, a uma filosofia da interioridade e da transcendência (Cf. MADEC, 1994, p. 201). Nesse sentido, por "platônicos" compreende-se, de maneira genérica, a tradição de Platão e de seus "herdeiros".

[7] *Contra Academicos libri*, III, 20, 43. Conforme tradução de Agustinho Belmonte.

Agostinho corrige o que considerou ser um excesso do próprio *Contra Academicos* ao expressar sua grande admiração aos filósofos platônicos: "Me desagrada, também, o louvor que concedi a Platão, aos Platônicos e aos filósofos Acadêmicos, louvor que não devemos dar aos ímpios, especialmente porque é contra seus grandes erros que devemos defender a doutrina cristã"[8].

Apesar de suas críticas, Santo Agostinho, mesmo na fase mais madura de sua obra, reconheceu a contribuição da filosofia dos platônicos. Estes desenvolveram uma reflexão metafísica que, com propriedade, distinguiu o sensível do inteligível, e indicou a participação dos entes sensíveis num ser uno, perfeito e imutável, princípio último dos seres. Os platônicos também negaram o privilégio e monopólio dos sentidos na obtenção da verdade, conferindo ao espírito essa prerrogativa. Além do mais, reconheceram a existência de uma luz, chamada Deus, que possibilita a contemplação das verdades[9].

Dessa forma, não obstante dos seus erros, os platônicos identificaram inteligentemente o bem supremo como a felicidade. Se parte dos filósofos pagãos se equivocaram ao não perceber o fundamento da vida feliz para além do homem, os platônicos, por sua vez, foram capazes de evitar esse erro e de reconhecer que a realização humana se dá na virtude obtida apenas pela imitação de Deus: "Basta, no momento, dizer que Platão estabeleceu que o fim do bem é viver de acordo com a virtude, o que pode conseguir apenas quem conhece e imita Deus, e que tal é a única fonte de sua felicidade. Eis porque não teme dizer que filosofar é amar a Deus [...]"[10].

Agostinho, portanto, reconheceu que os *studium sapientiae* dos platônicos, através dos olhos da inteligência, elevaram-se da realidade sensível e seguiram uma via racional de acesso ao conhecimento de Deus[11]:

> E, com efeito, os que têm a glória de haver compreendido com maior profundidade e professado com maior brilho a doutrina de Platão, verdadeiro príncipe da filosofia pagã, talvez pensem que em Deus se encontram a causa da existência, a razão da inteligência e ordem das ações[12].

---

[8] *Retractationum libri duo*, I, 1, 4. Segundo a versão francesa de Gustave Bardy da série Œvres de Saint Augustin.
[9] Cf. *De Ciuitate Dei contra Paganos libri uiginti duo*, VIII, 7. Tradução, aqui e alhures, de Oscar Paes Leme.
[10] Ibidem, VIII, 8.
[11] Ibidem, VIII, 6.
[12] *De Ciuitate Dei contra Paganos libri uiginti duo*, VIII, 4.

Contudo, a inteligência da fé cristã é, definitivamente, superior ao conhecimento dos platônicos. Apesar dos olhos da inteligência humana serem capazes de perceber, até certa medida, no espelho das realidades visíveis, a manifestação de Deus presente desde a criação do mundo, os platônicos são, todavia, indesculpáveis por não terem prestado culto devido a Deus[13]. Estes foram notáveis em concluir a necessidade de um Deus uno, mas agiram de modo desprezível quando se entregaram cegamente à perversidade da idolatria[14]. Consideravam-se sábios (*sapiens*), mas se demonstraram tolos (*stultus*)[15] por desprezar o amor à verdadeira sabedoria em favor da corrupção da soberba[16], que consiste em recusar atribuir a glória àquele que é digno, o único e verdadeiro Deus. Dessa forma, os platônicos carregaram em si a marca da cupidez da *supervia* que se opõe à verdadeira religião.

Nesse sentido, não há dúvidas quanto à superioridade do cristianismo em relação à filosofia pagã, pois enquanto estes se perderam em meio ao orgulho da vã especulação, numa espécie de cisão entre investigação e religião verdadeira, aquele submete a dimensão especulativa de suas formulações à esfera da verdadeira religião[17]. Quanto à excelência da fé cristã, Agostinho ainda completa:

> Eis a causa que nos leva a preferi-los aos demais. Precisamente porque os demais filósofos consumiram a inteligência e o afã em buscar as causas dos seres e inquirir as regras da ciência e da vida, enquanto esses encontraram o Deus conhecido, em quem se encontra a causa do universo criado, a luz da verdade, que cumpre perceber, e a fonte da felicidade, de que nos toca aproximar os lábios[18].

Em face da seriedade dos problemas suscitados da filosofia, especialmente platônica, como se daria, pois, a relação da fé cristã com a filosofia pagã? Através de sua habilidade retórica, o bispo de Hipona ilustra essa relação a partir de uma alegoria com o ouro dos egípcios. Conforme o Antigo Testamento[19], o povo hebreu recebeu uma ordem divina para deixar o Egito levando consigo as riquezas que se acumularam devido à opressão escravagista a que foram submetidos. Então, o ouro e as joias que

[13] Cf. Ibidem, VIII, 10,1.
[14] Cf. Ibidem, VIII, 12.
[15] Cf. *De Ciuitate Dei contra Paganos libri uiginti duo*, VIII, 10, 1.
[16] Cf. MADEC, 1996, p. 118.
[17] Cf. RAMOS, 2009, p. 64 – 65.
[18] *De Ciuitate Dei contra Paganos libri uiginti duo*, VIII, 10, 2.
[19] Cf. Êxodo 3: 30; 11:2.

estavam em posse dos opressores, ainda que à primeira vista parecessem recursos profanos, eram uma propriedade de direito do povo eleito, uma herança útil dos filhos de Israel.

De acordo com essa alegoria, o contributo da filosofia pagã está para o cristianismo, assim como a riqueza dos egípcios estava para os hebreus. Os cristãos deveriam, assim, se valer das riquezas intelectuais que estão em posse dos filósofos pagãos. As verdades, pois, presentes nessas doutrinas não são de simples criação do gênio platônico, mas pertencentes a Deus, fonte das verdades e sol que ilumina a mente e permite que os homens possam vislumbrar as razões eternas. Nessa lógica, Agostinho narra sua própria relação com a filosofia pagã:

> E eu viera dos gentios para ti, e fixei a atenção no ouro que quiseste que teu povo trouxesse do Egipto, porque era teu, onde quer que estivesse. [...] E não fixei a atenção nos ídolos dos egípcios, aos quais com o teu ouro serviam aqueles que transformaram a vontade de Deus em mentira e prestaram culto e serviram a criatura em detrimento do Criador[20].

Apesar dos méritos do *studium sapientiae* dos platônicos, de sua admirável filosofia, que, com certeza, deveria ser pensada pelos cristãos, existe, no entanto, uma contradição entre a teoria e a prática manifesta no exercício da *supervia.* A cisão entre a dimensão teórica do platonismo e a vida religiosa precisaria ser superada[21]. Nesse sentido, o cristianismo surge como resposta a este problema. Através da fé cristã, se faz possível associar harmonicamente a boa filosofia com a *uera religio,* de modo a cumprir a exigência filosófica por excelência, a saber: de amar plenamente o Deus-sabedoria[22].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Agostinho, os filósofos pagãos se equivocaram sobremaneira quando, numa atitude de vil orgulho, se recusaram a prestar o culto devido ao único e

[20] *Confessionum libri tredecim,* VII, 9, 15. Conforme tradução de Tradução de Arnaldo do Espírito Sando, João Beato, Maria Cristina de Castro-Maia de Souza Pimentel.
[21] "Isso porque se crê e se ensina como fundamento da salvação humana que estejam concordes: a filosofia – isto é, a procura da sabedoria – e a religião" (*De uera religione liber unus* 8, 5). "Deixemos, pois, de lado: - todos os que não são filósofos em sua prática religiosa, nem religiosos em sua filosofia [...]" (*De uera religione liber unus* 7, 12). Conforme tradução de Nair de Assis Oliveira.
[22] Cf. MADEC, 1996, p. 120; Cf. RAMOS, 2009. p. 100.

verdadeiro Deus. Entretanto, apesar da cisão entre filosofia e a religião verdadeira na filosofia pagã, o contributo destes filósofos, especialmente dos platônicos, não poderia ser integralmente descartado, antes os cristãos deveriam se valer destas riquezas intelectuais, pois as verdades presentes entre os filósofos pagãos não eram uma simples criação do gênio humano, mas pertencentes a Deus, origem última das verdades e fonte de luz que permite que os seres homens vislumbrem as razões eternas.

Santo Agostinho, postulou, então, que através da fé cristã, a associação da boa filosofia com a religião verdadeira encontra sua plenitude, cumprindo assim a perfeição do designo da própria filosofia, que, de acordo com ele, consiste em amar o Deus-sabedoria.

Destarte, apesar do legado significativo da conciliação entre fé cristã e filosofia proposta por Agostinho, sua síntese não exaure a questão. O objetivo desta comunicação não consistiu então em, a partir de Santo Agostinho, solucionar o problema que, todavia, ainda persiste na contemporaneidade. No presente, esse desafio possui uma singularidade que o separa radicalmente das categorias conceituais em que operavam a inteligência filosófica na antiguidade. Dessa forma, o objetivo desta investigação reduziu-se à introdução às origens da conciliação proposta por Agostinho, ainda que a relevância desta se situe para além de seu valor estritamente histórico.

REFERÊNCIAS

BARWICK, Karl. Elementos estoicos en san Agustín. Augustinus, v. 18. p. 101-129, 1973.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOYER Charles. Christianisme et néo-platonisme dans la formation de saint Augustin. Paris: Gabriel Beauchesne, 1920.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho*: uma biografia. Tradução de Vera Ribeiro. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

DU ROY, Oliver. *L'intelligence de la foi en la Trinité selon Saint Augustin*: genèse de sa théologie trinitaire jusqu'en 391. Paris: Institut d'Éstudes Augustiniennes, 1966.

IVÁNKA. Endre von. Plato Christianus. La réception critique du platonisme chez les pères de l'église. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acessado em: 8 mar, 2014.

MADEC, Goulvean. Le néoplatonisme dans la conversion d'Augustin. État d'une question centenaire (depuis Harnack et Boissier, 1888). In: MAYER, Cornelius. Internationales Symposion über den Stand der Augustinus-Forschung. Würzburg, 1989. p. 9-25.

_____. Notes sur l'intelligence augustinienne de la foi. Révue des études augustiniennes. v. 17. p. 119-142, 1971.

_____. *Petites études augustiniennes*. Paris: Institut d'Études, 1994.

_____. *Saint Augustin et la philosophie*. Paris: Intitut d'Études Augustiniennes, 1996.

MANDOUZE, A. *Saint Augustin*: l'aventure de la raison et de la grâce, Paris: Études Augustiniennes, 1968.

POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. Tradução Monjas Beneditinas. 3.ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

RAMOS, Angelo Zanoni. *Ciência e sabedoria em Agostinho:* um estudo do *De Trinitate.* São Paulo: Baraúna, 2009.

SAINT AUGUSTIN. Les révisions. In: *Oeuvres de Saint Augustin*. Traduction par Gustave Bardy. Paris: Desclée de Brouwer, 1950. v. 10.

SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1991. v. I.

_____. *A cidade de Deus contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. v. II.

_____. A verdadeira religião. In: *A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*. Tradução, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 25-138. (Coleção Patrística).

_____. *Confissões:* edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Sando, João Beato, Maria Cristina de Castro-Maia de Souza Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

_____. Contra os acadêmicos. In: *Contra os acadêmicos; a ordem; a grandeza da alma; o mestre.* Tradução de Frei Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p. 41-147. (Coleção Patrística).

TESTAR, Maurice. Saint Augustin et Cicéron I: Cicéron dans la formation et dans l'oeuvre de saint Augustin. Paris: Etudes Augustiniennes, 1958.

TRUNDLE, Robert. Modalidades aristotélicas de san Agustín. Augustinus, v. 42, p. 13-40, 1997.

VARGAS, Walterson José. *Soberba e humildade em Agostinho de Hipona*. 2011. 372 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.